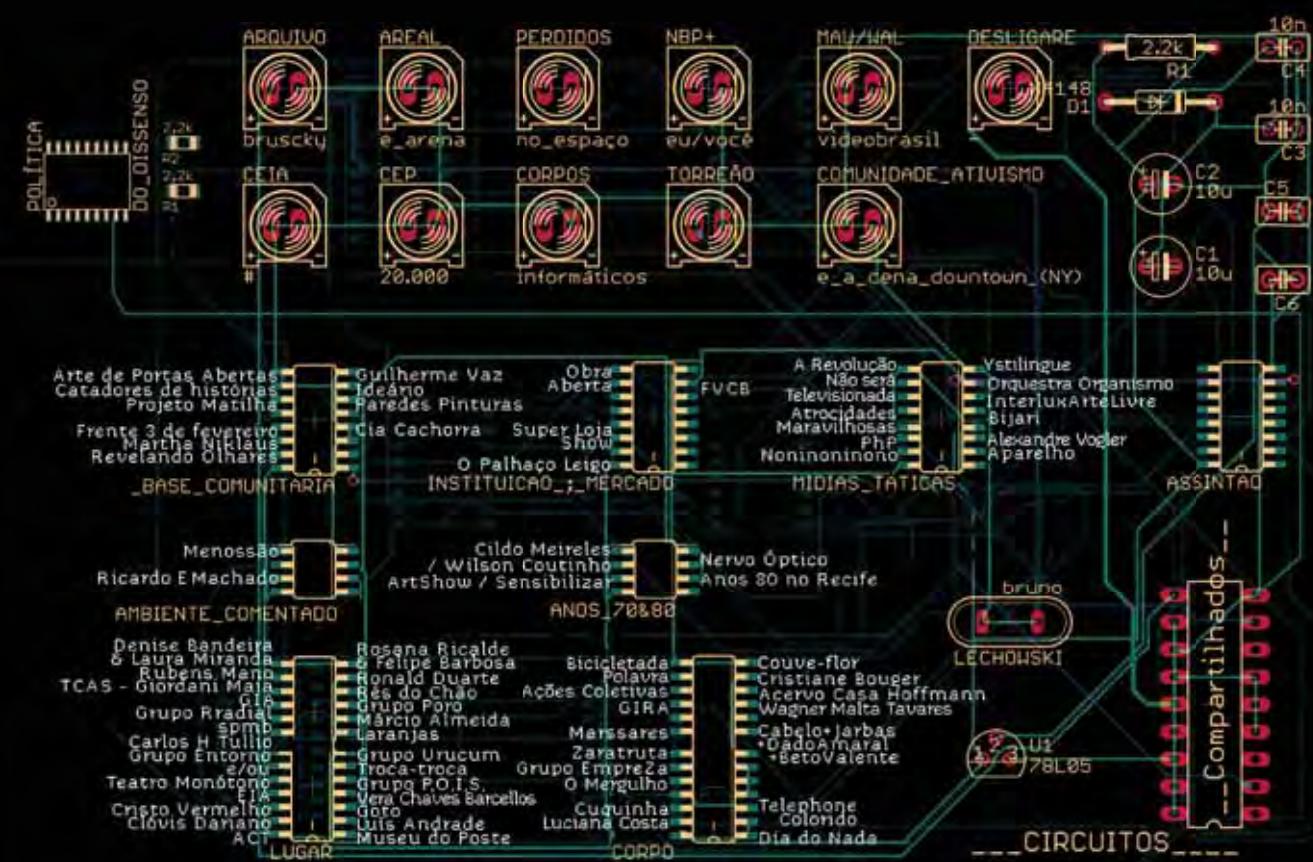


## circuitos compartilhados



## PROJETO

arte e patrimônio 2007

## PATROCÍNIO



PETROBRAS

## REALIZAÇÃO

Paco Imperial/MinC IPHAN

REALIZAÇÃO DE CIRCUITOS COMPARTILHADAS

MEDIADOR

epa!

**fórum  
permanente**  
museus de arte  
entre o público e o privado

APOIO

**a c t**  
ateliê de criação teatral

e/ou

5



IPHAN 70 ANOS 1917-1987  
 IPHAN  
 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional



Ministério  
da Cultura

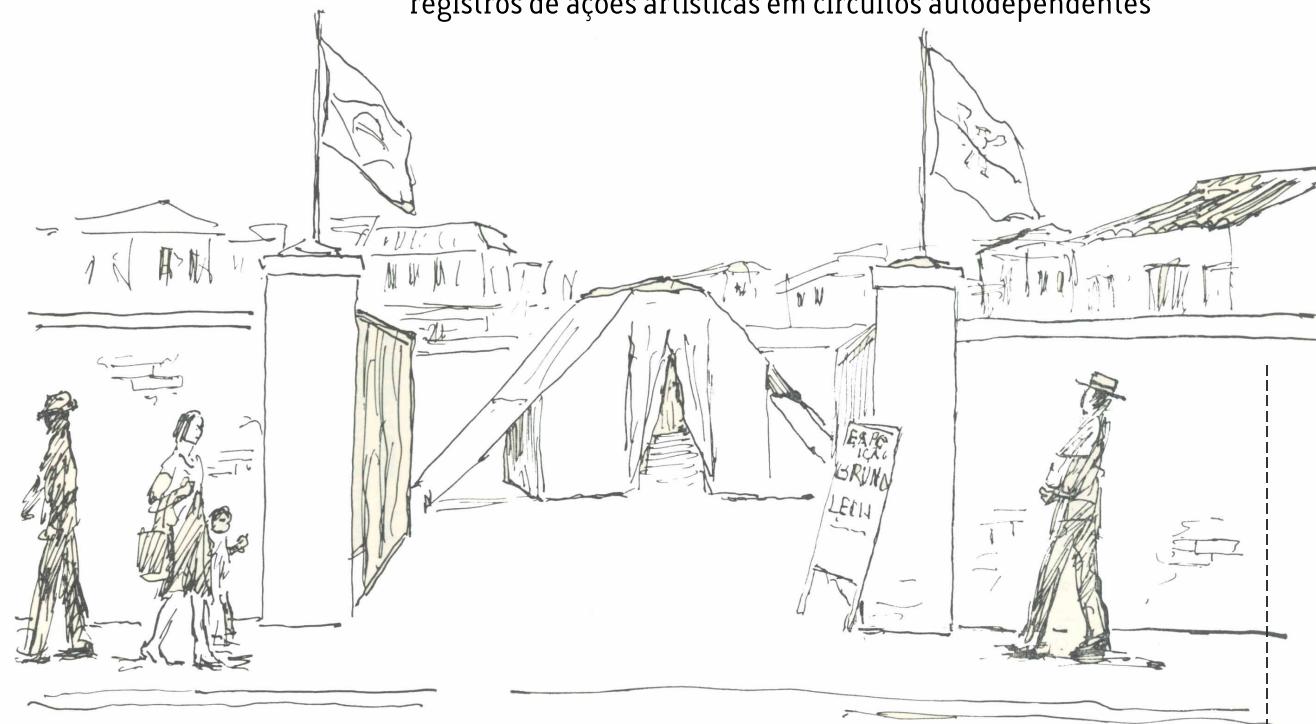


arte > e patrimônio 2007



## CIRCUITOS COMPARTILHADOS

registros de ações artísticas em circuitos autodependentes



O Edital Arte e Patrimônio aconteceu em 2007 objetivando criar uma linha de financiamento a projetos que estabeleçam diálogos entre as artes visuais contemporâneas e o patrimônio artístico e histórico nacional. Por um lado, trabalhos artísticos e processos estéticos atuais e, por outro, os acervos, as tradições, as culturas e os sítios que estabelecem a memória do País. Essa sugestão de interações múltiplas foi o modo de celebrar os 70 anos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, injetando um ânimo contemporâneo nas comemorações.

Formada por Afonso Luz, Carlos Zilio, Cristiana Tejo, Fernanda Barbará, Lauro Cavalcanti, Lorenzo Mammi, Marisa Morkazel, a comissão julgadora reuniu-se em outubro passado e selecionou, entre os 138 projetos recebidos de todo o Brasil, 12 propostas que priorizavam a inter-relação entre as artes visuais contemporâneas e os patrimônios brasileiros escolhidos. Foram eleitos dois projetos que propõem leituras históricas das artes visuais e dez que estabelecem a interação entre as artes visuais e valores culturais.

Nesta primeira edição do Edital foram financiados projetos que fazem interações entre São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Maranhão, Paraná e Rio Grande do Sul, e entre as regiões Sul e Nordeste. A relação de todos os selecionados está disponível no site [www.artepatrimonio.org.br](http://www.artepatrimonio.org.br).

Resultante de uma pesquisa-ação e estratégia de circulação empreendida pelo organismo artístico *epa!*, agora em parceria de realização com o ACT, Fundação Cultural de Curitiba e Cinemateca de Curitiba - o projeto *Circuitos Compartilhados* visa o compartilhamento do mais completo acervo de filme e vídeo sobre os coletivos de artistas no Brasil, abrangendo a produção dos grupos recentes e também a de importantes iniciativas ocorridas nos anos 70, 80 e 90. A proposta consiste em atualizar o acervo e fazer 150 cópias da coleção, em DVD, para serem distribuídas entre os participantes, pesquisadores, museus e instituições culturais públicas do Brasil (e algumas do exterior), além de confeccionar um material editorial específico. A seleção deste projeto no Edital Arte e Patrimônio viabiliza essa iniciativa de disseminação, e alia-se ao redimensionamento da própria prática e conceito de acervo - quase sempre fundados na raridade e exclusividade - para uma perspectiva ampliada de publicização.

O Edital Arte e Patrimônio é iniciativa do Ministério da Cultura e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, por meio do Paço Imperial, com patrocínio da Petrobras.

O acervo da mostra *Circuitos Compartilhados* (1) agrupa registros em vídeo e filme de ações de importantes *circuitos artísticos autodependentes*, convergindo para uma reflexão e visibilidade sobre o recente e intenso fenômeno cultural compreendido habitualmente como circuitos, curadorias e programações independentes; espaços alternativos; coletivos de artistas; ações colaborativas em arte; intervenções urbanas; arte de ativismo cultural e arte participativa.

Os antecedentes dessas proposições remontam às vanguardas históricas do século XX, a exemplo do Dadaísmo, ou mesmo ao experimentalismo mais radical empreendido a partir dos anos 60, como o Grupo Fluxus. A prática colaboracionista em arte, os grupos de artistas e as proposições autônomas de ação direta nunca deixaram de existir ao longo das histórias e geografias do século XX, ao contrário, quase sempre estão no cerne de novas concepções instauradas no meio cultural. Esse movimento coletivo de liberdade propositiva desdobra-se também sobre o espaço público, estendendo assim o campo de ação artística para a cidade, sociedade e outras geografias ampliadas. Como estratégia para essas trajetórias de expansão, as práticas artísticas diluíram os limites das especificidades das linguagens visuais, incorporando os códigos culturais como matéria-prima de diálogo. No Brasil, a partir do final dos anos 90 (em sintonia com um espírito de época mundial), a ressonância dessas iniciativas começou novamente a ser percebida em diversas localidades – depois de quase duas décadas nas quais muito se falou em “retorno à pintura” e mercado de arte. E, no início dos anos 2000, essas práticas autônomas passaram a ter grande visibilidade no meio artístico.

A *Circuitos Compartilhados - registros de ações artísticas em circuitos autodependentes* insere-se nesse ambiente relacional e considera a si mesma como um gesto de afirmação da heterogeneidade, resistência cultural e postura crítica (2). A programação exibe produções de arte contemporânea, em sua maioria de origem brasileira e derivada das artes visuais.

O termo *autodependente* – fundamento conceitual da conexão entre as distintas iniciativas agregadas na mostra – é inspirado na fala do cineasta Werner Herzog ao reavaliar a expressão *cinema independente*, considerada por ele como inapropriada (3). Isto porque a produção cinematográfica em questão é também um produto interdependente de diversos agentes produtivos e mecanismos econômicos. Sendo assim, ela não é independente, como se não dependesse de nada. O diferencial da produção autodependente reside, pois, no fato dela ser um trabalho cuja realização vincula-se primordialmente à autonomia de seu próprio proposito, inclusive na articulação e gestão de parcerias.

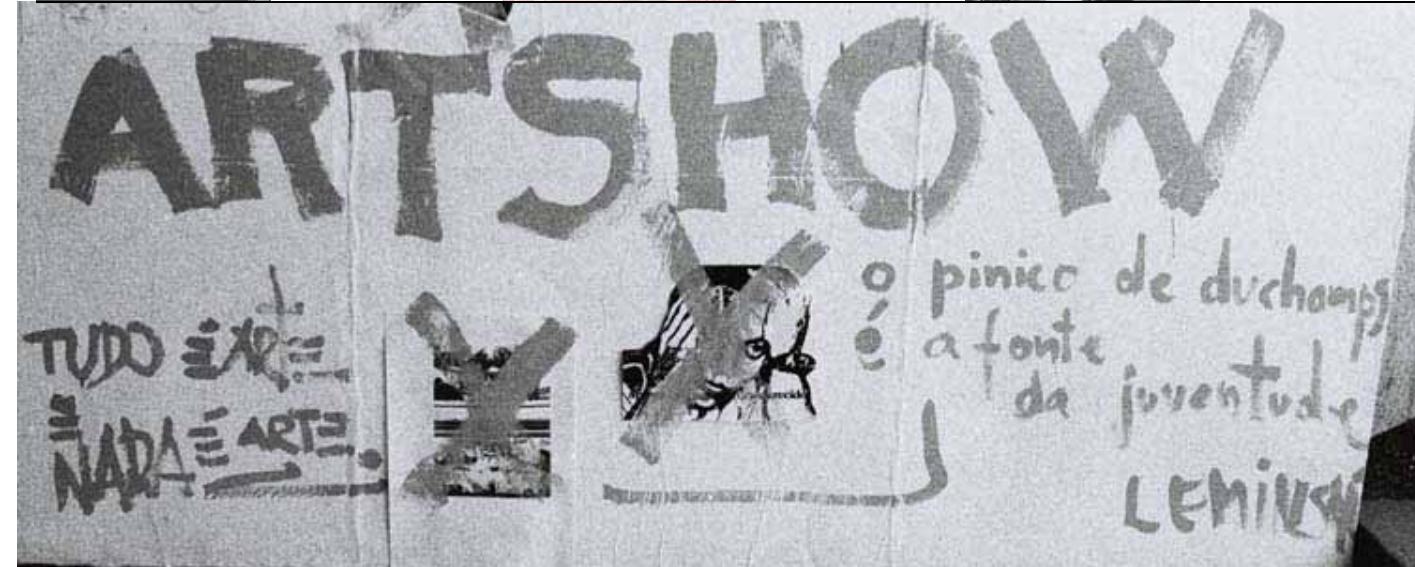
Esse conceito serve também para outras áreas da produção artística e evidencia a questão da autogestão cultural, a capacidade de grupos de artistas estabelecerem suas próprias redes de diálogo e trocas culturais com a comunidade, incluindo aí alternativas de mecanismos para sua sustentabilidade econômica. A importância maior dessa autonomia afirma-se no desvencilhamento de parâmetros ditados pelo mercado global e Estado, na perspectiva de proposição de heterogeneidades culturais e na possibilidade de manifestação de conteúdos críticos mais radicais. Ainda assim, mercado e Estado podem ser parceiros de diálogo, entretanto, deixando de ser estruturas únicas de conformação.

A *Circuitos Compartilhados* passa agora a ser dedicada a dois artistas: Bruno Lechowski e Paulo Bruscky. O visionário Lechowski – homenageado da mostra desde sua primeira edição – é um dos precursores dos circuitos artísticos autogeridos no Brasil através de seu *Cineton*, uma tenda para exposições, desmontável e nômade. Com ela o artista viajou pela Europa em 1925, e veio ao Brasil, em 1926. Lechowski teve passagens por Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro, onde passou a morar, até sua morte, tendo importante atuação nessa cena local, sendo um dos criadores e principais orientadores do Núcleo Bernardelli (4). Um artista que sempre soube da dimensão pública de seu produto cultural: “Eu produzo como uma força virgem da natureza e tudo o que produzo pertence a todos. O artista é como uma árvore que dá frutos. Quem quer que passe por baixo dela pode colher os frutos e nutrir-se deles, desde que lhe agradem”. O co-homenageado Paulo Bruscky é multiartista experimental e um dos precursores da arte postal e do filme e vídeo experimental no Brasil. É curador e administrador do ARQUIVO BRUSCKY – uma das mais importantes coleções de arte experimental e conceitual do mundo. É também orientador de diversos fluxos artísticos coletivos, principalmente no Recife, desde os anos 70 – de intervenções em outdoor, a exposições de fotos 3X4, arte postal e mostras de filmes e vídeos. Paulo hoje experimenta ainda uma outra dimensão pública de atuação, disponibilizando seu arquivo para pesquisadores e instituições culturais, intervindo assim numa macropolítica de ativação cultural.

→ Cineton em Varsóvia, 1925, com Lechowski ao centro. À direita, Lange, Sá Barreto, Cobbe, Lechowski e Traple. Curitiba, 1926.



→ Página anterior: Cineton na Pç Zacarias, Curitiba, 1926. Desenho de De Bona.



↑ ArtShow. Acontecimento multimídia que reuniu artistas, produtores culturais e transeuntes numa semana de atividades na Galeria Júlio Moreira, TUC - Teatro Universitário de Curitiba, 1978.

↓ 31 de março de 1984. Ação do grupo Sensibilizar, Boca Maldita, Curitiba, 1984. Foto que compõe o documentário Praça da Arte / ArtShow / Sensibilizar.



→ Hélio Leites, desanimator de festas e fundador da Associação Internacional dos Colecionadores do Botão - ASSINTÃO, que objetiva estudar o botão em suas mais amplas possibilidades.



Katia Horn, HL e Efigênia Rolim, grão-mestres do Povo do Botão.



I.S.P.G. - Igreja da Salvação Pela Graça. Culto Anual Deus é Umor.



↑ Desde os tempos imemoriais do final dos anos 80 o Povo do Botão faz uso do inutensílio e do miniaturismo como filosofia de vida e prática artística, sempre em busca da percepção das grandezas de valor escondidas na insignificância das coisas e costumes. Dentre as múltiplas ações da ASSINTÃO, a Excola de Samba Unidos do Botão e a I.S.P.G. são as 2 enfocadas no vídeo *Povo do Botão*. Acima, à direita, projeto de carro alegórico para o carnaval de 1994.

↓ O que falta em grandiosidade para a Unidos do Botão sobra em pretensão, pois seu objetivo é, nada mais, nada menos, que esquentar o carnaval curitibano: "Faça frio ou faça sol, nossa escola só vai para a avenida de cachecol." Desfile dos carros alegóricos em miniatura no calçadão da Rua das Flores, Curitiba, carnaval/94, cujo slogan-enredo foi *Branca de Neve na CPI e os 17 anos*.



↑ Ícone da Igreja da Salvação Pela Graça - I.S.P.G.

## HISTÓRICO

A *Circuitos Compartilhados* principiou como uma atividade de pesquisa e curadoria sobre a produção contemporânea em vídeo associada à autogestão em circuitos artísticos, focando trabalhos que pudessem traduzir o ideário e a prática de algumas dessas iniciativas. A organização da *Circuitos* vem sendo realizada desde 2003, como desdobramento de pesquisas empreendidas desde 2000 sobre circuitos autodependentes nas artes visuais, estudos desses materializados na publicação de textos e na organização de encontros e mostras, ações empreendidas através do organismo artístico *epa!*, o qual gerencio. O tema ainda convergiu para a Dissertação de Mestrado em Linguagens Visuais na EBA-UFRJ, intitulada *Remix corporbras*, defendida em 2004 e com orientação de Glória Ferreira. Simultaneamente, a *Circuitos* originou-se também de outra mostra, a *Vídeo o Vídeo*, organizada pela *epa!* em 2002, na Cinemateca de Curitiba (5).

Mais do que unicamente registros, fato é que os próprios produtos audiovisuais da *Circuitos*, além de complemento das obras ou das proposições, são também eles mesmos obras de arte, vídeo experimental. Isso é percebido através das diferentes singularidades de linguagem usadas na lida com o registro videográfico e filmográfico, desde a estratégia de filmagem empregada e subsequente edição, até o uso de recursos textuais, sonoros ou visuais específicos sobre esse material. Em alguns casos até, o vídeo é, desde o início, a obra e o circuito, a exemplo dos trabalhos focados numa metacrítica à mídia televisiva. A noção de autogestão de circuito artístico afirma também a transdisciplinaridade, o uso de múltiplas linguagens artísticas e de multimeios. Nos filmes e vídeos da *Circuitos* esse horizonte de atuação *multipadronagem* - de pensamento, sensorialidade, materialidade, estratégia e existência - acaba evidenciando algumas tendências de práticas, notadamente as associadas à intervenção urbana, *happening*, performance, *site specific*, arte conceitual e arte de crítica institucional, tudo isso em diálogo com a dimensão do documentário experimental. Essa predominância de acontecimentos é intrinsecamente associada ao campo ampliado de realizações instaurado pela arte experimental a partir dos anos 60, uma das principais matrizes de desdobramento da arte contemporânea.

A mostra estreou em Curitiba, em maio de 2005, no ACT; e circulou por Londrina, em outubro/2005 (numa parceria com a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná e Casa de Cultura da UEL); Rio de Janeiro, novembro/2005 (no Instituto de Artes da UERJ, dentro do projeto *Ciclo de Vídeo-Arte - I Jornada de pensamentos sobre arte em vídeo do IART/UERJ*); Maceió, dezembro/2005 (dentro da programação da 2ª edição do projeto Rede Nacional de Artes Visuais - FUNARTE, em parceria com a Secretaria Executiva de Cultura de Alagoas); Antonina-PR, julho/2006 (dentro da programação da 3ª edição do projeto Rede Nacional de Artes Visuais - FUNARTE, em parceria com o 16º Festival de Inverno da UFPR); São Paulo, novembro/2006 (junto ao encontro *Reverberações*); Recife, maio/junho/2007 (no Centro de Formação em Artes Visuais da Fundação de Cultura da Cidade do Recife); Curitiba, março/2008 (estreia do atual estágio da *Circuitos Compartilhados* na Cinemateca de Curitiba / edital Arte e Patrimônio / MinC / IPHAN / Petrobras) e Brasília, maio/2008 (dentro das programações do projeto *Fora do Eixo / Conexão Artes Visuais* - FUNARTE).

Da primeira edição da mostra às circulações subsequentes ela também tem sido espaço para a estréia de trabalhos, fato que agrega valor cultural à proposta inicial e adensa diversidade ao repertório curatorial. Nas suas 7 primeiras edições, 11 títulos foram lançados na *Circuitos*, tendo sua primeira exibição pública: *Ação comum*, de Rubens Mano; *l/aquilál*, do spmb (Eduardo Aquino e Karen Shanski); *Workshop com Willi Dorner*, do acervo da Casa Hoffmann; *Infração*, de Marssares; *Pipeiros dos Prazeres*, de Goto; *Fundação do Museu do Poste*, de Octávio Camargo e outra coisa; *Dia do Nada - 2005. Contorno, Almoço na Relva, Outros 500*, de Rubens Pileggi em parceria com outros artistas. A *Circuitos* também estreou a coletânea com 14 vídeos do *GPCI - Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos*, de Brasília, compilação essa abrangendo 13 anos de produção de um dos pioneiros grupos de investigação da arte tecnológica no Brasil. Além disso, nela também ocorreu a primeira exibição no Brasil de *Sensuality in (and) América*, de Cristiane Bouger.

Durante os 2 primeiros anos de circulação a mostra esteve nominada como *Circuitos em Vídeo*.

Se a mostra legitimou-se socialmente com base nas parcerias constituídas e em sua característica nômade de exibições, agora reinscreve-se coletivamente como uma proposta de acervo compartilhado entre os próprios participantes da mostra, instituições culturais públicas e pesquisadores. Ou seja, na atual articulação, junto ao Edital Arte e Patrimônio - 2007, há um importante redimensionamento da condição do acervo, o qual desloca-se do status de coleção individual/particular para o de patrimônio público/coletivo, tornando-se gesto político em prol do saber sem fronteiras. Política é também, especificamente contextualizando o recorte curatorial, a perspectiva de disseminação de repertórios de autogestão cultural. A partir dessa nova condição existencial a mostra passa a denominar-se *Circuitos Compartilhados*. Em maio de 2008 a mostra completou 3 anos de existência.